

DE MINORIA ÉTNICA À MAIORIA  
LINGUÍSTICA: METAMORFOSES DO  
SENTIDO DE “PORTUGUÊS” EM  
MASSACHUSETTS (SÉCULO XX-XXI)

*O recente movimento em defesa da inclusão da categoria Portuguese Speaker na classificação populacional dos Estados Unidos, no estado do Massachusetts, relaciona-se com a “vitalidade etnolinguística” da variante brasileira da língua portuguesa aqui existente e, também, com a vitalidade de uma associação de apoio aos imigrantes, Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers (Maps), que em 2009 organizou uma campanha em favor da contagem e do reconhecimento oficial da “comunidade de língua portuguesa” (Portuguese Speaking Community).*

*Este artigo analisa o projeto de afirmação coletiva em torno do uso e da representação desta categoria abrangente de “língua portuguesa”, inspirada no modelo etnolinguístico hispânico/latino, através da exploração de dois aspetos complementares: de um lado, a ambiguidade do label “português” com os vários sentidos nacionais, étnicos, culturais, linguísticos, que lhe estão associados e, de outro, o modo como a tão conhecida “invisibilidade” e “fragmentação” da imigração portuguesa tem dado lugar a uma visibilidade de sinal positivo num processo de unificação em torno de uma língua, num ambiente tão intensamente urbano como é o da região de Boston e da cidade de Cambridge em particular.*

*Palavras-chave: Categorização; língua portuguesa; Boston, Massachusetts; processos identitários; diferenciação.*

\* Professora no Departamento de Métodos de Pesquisa Social, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL). Leciona no Programa de Doutoramento em Estudos Urbanos da Universidade Nova de Lisboa e ISCTE-IUL. Entre as obras da autora, destaca-se o livro *Um lugar na cidade. Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

## INTRODUÇÃO

O português é a terceira língua mais falada no estado do Massachusetts, a seguir ao inglês e ao espanhol, devido ao intenso fluxo imigratório proveniente do Brasil. Esse fluxo desde a última década do século XX tem repovoado a região, que contém a terceira maior concentração de brasileiros dos Estados Unidos da América. O recente movimento em defesa da inclusão da categoria *Portuguese Speaker* na classificação populacional dos Estados Unidos relaciona-se, certamente, com a “vitalidade etnolinguística” da variante brasileira da língua portuguesa aqui existente (RUBINSTEIN-AVILA, 2005, p. 873). Mas relaciona-se também com a vitalidade, enraizamento e longevidade de uma associação de apoio social aos imigrantes com origens na imigração portuguesa para Cambridge e Somerville, a *Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers (Maps)*, que em 2009 organizou uma campanha em favor da contagem e do reconhecimento oficial da “comunidade de língua portuguesa” (*Portuguese Speaking Community*). O facto de a língua portuguesa ser cada vez mais vista como uma língua internacional, uma das cinco línguas mais faladas no mundo e língua oficial em oito países espalhados por quatro continentes, com mais de 200 milhões de falantes (COWLES et al., 2002, p. 629), não é alheio, também, a este movimento.

O presente texto<sup>1</sup> pretende chamar a atenção para o actual processo de formação, reivindicação e legitimação de uma identidade de “língua portuguesa” que tem lugar numa região específica dos Estados Unidos da América, povoada há mais de 150 anos por populações de expressão portuguesa e conhecida pela densidade de universidades e hospitais classificados no topo dos *rankings* mundiais. Contudo, o que está em causa neste artigo não é a análise da língua em si mesma, mas sim a sua “objectificação” enquanto referente identitário mobilizador de um movimento coletivo de afirmação cívica, económica e política, capaz de promover coesão entre um grupo heterogéneo de habitantes do Estado do Massachusetts com uma relação privilegiada com a língua portuguesa, apesar das suas origens e filiações distintas. O projeto de afirmação coletiva em torno do uso e da afirmação desta categoria abrangente de “língua portuguesa”, inspirada no modelo etnolinguístico hispânico/latino, decorre de uma convergência de interesses institucionais e individuais, de múltiplas negociações, tensões e ambiguidades, patentes nas perceções e representações subjetivas, local e

<sup>1</sup> O artigo retoma a palestra que dei no PPGAS do Museu Nacional da UFRJ, a convite de Gilberto Velho, em 6 de setembro de 2011, sob o título “Falar Português em Boston. Identidades em interação e negociação”.

historicamente moldadas. Conhecer um pouco melhor a “matéria” de que são feitas tais ações e percepções é o objetivo deste texto.

Nesse sentido, dois aspetos complementares serão explorados: de um lado, a ambiguidade do *label* “português” com os vários sentidos nacionais, étnicos, culturais, linguísticos, que lhe estão associados e que o fazem refém, de certa maneira, de uma história colonial e imigratória que, localmente, não escapa ao peso da ainda recente imigração portuguesa; de outro, o modo como a tão conhecida “invisibilidade” (SMITH, 1974; BRETTEL, 2009, p. 557) e “fragmentação” das comunidades de origem portuguesa tem dado lugar a uma visibilidade de sinal positivo, neste processo de unificação em torno de uma língua partilhada. Recuar no tempo ajuda-nos a melhor perceber e situar estes dois aspectos: de um lado, a fluidez e a maleabilidade da categoria *Portuguese*, associada à “colónia” de imigrantes, “minoría étnica” ou “comunidade linguística”, conforme os momentos-chave dos fluxos imigratórios mais relevantes para esta região ao longo dos últimos cem anos (1920, 1970, e após 1985);<sup>2</sup> e, de outro, o papel que certas áreas urbanas específicas, como Cambridge e Somerville, tem na emergência, continuidade e transformação de um movimento de visibilização do “português”, desde o significado étnico dos anos 1970 (*Portuguese American*) até o linguístico da actualidade (*Portuguese Speaker*). De certo modo, é como se a ideia de etnicidade portuguesa, apesar de datada, não tivesse desaparecido completamente e “contaminasse”, de forma mais ou menos subtil, a mais recente classificação de “comunidade de língua portuguesa”. A noção de metamorfose, tal como foi trabalhada por Gilberto Velho (1994, p. 9) no plano das mutações da identidade individual, pode ajudar-nos a entender o aparecimento destas novas formas identitárias que, assim, devem ser olhadas não como coisas em si mesmas, mas sim como processos que dinamicamente se vão transformando e recuperando materiais anteriores.

Este artigo faz parte de uma pesquisa sócio-antropológica, etnográfica e histórica,<sup>3</sup> sobre o processo de construção social e simbólica de uma

<sup>2</sup> As várias periodizações propostas registam algumas nuances, mas todas elas se regem por um consenso genérico sobre as duas maiores vagas de imigração lusa para a região de Boston – até o redor dos anos 1920 e após 1958-1960 até começo dos anos 1980; e o início da vaga imigratória brasileira a partir de meados de 1980. Para o Center for Policy Analysis (2005) a primeira vaga de imigração de massa teria sido entre 1890-1910, e a segunda, entre 1950-1970; Mark Handler (1981) propõe uma primeira vaga imigratória massiva entre 1871-1926 e uma segunda a iniciar-se em 1966 e ainda presente no momento da publicação do seu texto, em 1981. Ver também Francis Rogers (1974, p. 30 et seq.).

<sup>3</sup> Falar português em Boston: identidades em acção e interacção, CIES-IUL-Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL/FLAD-Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, coordenado por Graça Índias Cordeiro, com Frédéric Vidal e Lígia Ferro (investigadores), início em 2011. Os dados trabalhados neste artigo, provenientes de entrevistas, pesquisa bibliográfica, de imprensa e de arquivo, resultaram de duas estadas de campo em Boston, em janeiro-junho de 2009 (apoio FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia) e julho de 2011 (apoio CIES-IUL/FLAD), tendo sido acolhida respetivamente pela Umass, Boston e pela Maps.

“comunidade de língua portuguesa” americana, com especial atenção para o papel-chave que o censo americano tem na construção da realidade social através da separação da sua população em categorias raciais, étnicas, linguísticas ou religiosas (KERTZER, 2002, p. 2). A categoria *emic* de “comunidade de língua portuguesa” e os processos que a configuram constituem-se como um terreno urbano cuja abordagem integrada tenta ultrapassar as fragmentações de tipo étnico/nacional, disciplinar e temático (BRUBAKER, 2009, p. 22), privilegiando uma perspectiva interativa e dinâmica entre a antropologia urbana, o estudo das migrações e da etnicidade. O objetivo é tentar ultrapassar a compartimentalização de uma bibliografia que tem estudado separadamente a imigração portuguesa, cabo-verdiana e brasileira, o que tem contribuído, de modo frequente, para a reificação de distinções culturais e fronteiras originais, fazendo-as “parecer mais importantes do que elas são” (BLOEMRADD et al., 2008, p. 161). O ponto de vista local propõe, assim, uma abordagem metodologicamente mais urbana (*methodological urbanism*) em torno de lugares ou unidades sócio-territorializadas (SAMERS, 2011, p. 57) para a análise deste processo de reconstrução de identidades múltiplas e simultâneas.

A prioridade é, pois, dada à localidade urbana e, muito em particular, à *Maps*, que é uma organização-chave na dinamização destes processos, pelo papel único e integrador que desempenha no seio das “comunidades lusófonas” (BLOEMRADD, 1999, p. 115; RUBISTEIN-AVILA, 2005, p. 873; SALES, 2005, p. 52; HALTER, 2009, p. 549, 551). Com o seu escritório principal em Cambridge Street, no extremo oposto ao da Universidade de Harvard, ela é herdeira de duas anteriores associações luso-americanas (*Portuguese – Americans*) de ajuda aos imigrantes portugueses que se decidiram fundir no início dos anos 1990, confirmando, na nova designação, o alargamento da sua população-alvo de *Portuguese* para *Portuguese Speaker*, que passou a apoiar os imigrantes brasileiros chegados ao Estado do Massachusetts. A sua experiência de mais de 40 anos de serviço social faz dela uma associação sem fins lucrativos de referência numa paisagem densa de ONGs similares (SALES, 2005), uma vez que está bem adaptada, enraizada e tem vingado com sucesso num terreno altamente competitivo, de luta constante por recursos, financiamentos e visibilidade. A localização da sua sede na pequena cidade de Cambridge, vizinha de Boston – cidade multirracial e multicultural onde se situam duas das mais prestigiadas universidades mundiais –, e o perfil dos seus funcionários, profissionais de classe média qualificados com elevados níveis de instrução, de várias ascendências, incluindo portuguesa, cabo-verdiana e brasileira, são elementos que ajudam a perceber o seu nível de profissionalismo e de sucesso, mesmo em tempos de crise, e o lugar único que ela tem vindo a assumir

relativamente aos usos e à representação da língua portuguesa na nação americana.

O envolvimento da *Maps* no Censo 2010, tornando-o um espaço de mobilização identitária, é bem revelador deste facto.

***Nós contamos – Todo o mundo conta – nos tudu ta konta: pelo reconhecimento dos Portuguese Speakers do Massachusetts***

No dia 23 de julho de 2009 o diretor executivo da *Maps*, Paulo Pinto, envia um e-mail a 14 pessoas influentes nas comunidades de origem portuguesa, cabo-verdiana e brasileira, dando conhecimento ao *US Census Bureau* e convidando-os a integrarem uma comissão para a organização de uma campanha em defesa da contagem de todos os falantes de português no Estado do Massachusetts, no recenseamento americano a ter lugar em abril de 2010. O convite inclui a convocatória para uma reunião dali a um mês na sede da associação prestadora de serviço social que dirige, 1.046 Cambridge Street, em data a definir entre todos, com o objetivo de preparar o rápido lançamento do *Portuguese Speaking Complete Count Committee*.

Os *Complete Count Committees*, que para o Censo de 2010 foram mais de 10 mil<sup>4</sup> por todo o país, são comissões voluntárias, de dimensão variável, organizadas no nível estadual, local/tribal, ou comunitário, compostas por líderes comunitários e representantes de agências governamentais, escolas, hospitais, empresas, igrejas, associações, media, com o objetivo de sensibilizar e motivar populações-alvo específicas que, por desconhecimento da língua inglesa, isolamento geográfico ou outras razões corram o risco de ficar de fora do inquérito censitário.

Para além de contabilizar o número de habitantes por estado, o que tem efeitos imediatos na sua representatividade em nível nacional e nos financiamentos atribuídos para infra-estruturas e serviços, desde a educação à saúde, o recenseamento federal (nacional) norte-americano, decenal, é igualmente importante na definição das categorias populacionais, sobretudo no que se refere à raça e etnicidade. Como escreve Paul Schor, ele é, simultaneamente, “um instrumento político, um meio de inquérito demográfico e o lugar de atribuição de uma identidade coletiva aos indivíduos no quadro nacional”. Nesse sentido, o recenseamento constitui-se como um espaço de “negociação que mobiliza atores muito diferentes, desde

<sup>4</sup> “Over 10,000 Complete Count Committees (CCC) of government and community leaders were formed to support and promote the 2010 Census. These CCCs lent their grassroots expertise to build positive connections and promote participation within their local communities. CCCs all around the country provided invaluable time and resources to promote a complete count and insure their communities would be accurately reflected in the numbers”. Disponível em: <<http://2010.census.gov/partners/national-complete-count-committee/>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

os membros do Congresso [...], aos responsáveis e agentes do recenseamento, aos porta-vozes de grupos e coletividades, enfim, aos habitantes” (SCHOR, 2009, p. 11, 20).

Vale a pena lembrar que o recenseamento nos Estados Unidos foi criado pela Constituição americana em 1790 com o objetivo de repartir, proporcionalmente à população de cada estado, os seus lugares de representantes no Congresso, assim como as suas contribuições, segundo um princípio de “equilíbrio de poderes” (*checks and balances*) entre o estado federal, os estados federados e os indivíduos (SCHOR, 2009, p. 22). O financiamento de cada estado depende, assim, da quantidade da sua população, o que explica os esforços por uma contagem mais completa possível dos seus habitantes. Como afirma Paulo Pinto logo no início da sua missiva: “As you know, the state of Massachusetts stands to lose a congressional seat and federal funding for important city and state services, vital to the lives of our state residents” (DOSSIER PSCCC 2010).

O PSCCC proposto pela *Maps* regista, assim, uma dupla missão: fazer com que as pessoas, na sua maioria imigrantes falantes do português, indocumentados ou receosos em se expor, respondam ao censo, incrementando a contabilização geral dos residentes no Estado do Massachusetts e, também, fazer com que o registo da sua identidade étnica/nacional dê visibilidade a uma categoria inexistente em termos administrativos – *Portuguese Speaker* –, embora adequada a uma numerosa população falante do português, como língua materna ou segunda língua. A motivação para tal iniciativa está bem explicitada no parágrafo seguinte da mensagem enviada pelo dirigente associativo:

[...] *We need to organize our community because according to US Census data the Portuguese Speaking community doesn't exist – we are invisible because we are either miss-counted or not counted at all. So, as we approach the 2010 Census, we all need to please stand-up and be counted. We are not as lucky as the Hispanic community to have our category in the census Form [...] we cannot allow ourselves to get bundled up in categories that render us invisible.* (DOSSIER PSCCC 2010)

Como veremos adiante, a invisibilidade da comunidade de língua portuguesa, que não gosta de se ver confundida com a hispânica/latina, está em continuidade com a invisibilidade dos *Portuguese Americans* de 1970, que também se demarcavam da então recente imigração latino-americana e não se queriam confundir com ela. Francis Rogers, professor de literatura românica em Harvard, já chamava a atenção para esta lacuna no Censo de 1970, afirmando que pelo menos em Massachusetts esta categoria deveria aparecer:

*There is nothing more inconvenient for the Lusitanists than to consult the 1970 census in the individual CENSUS TRACTS, Series PHC (1), for, say, the cities of New Bedford, FallRiver and Lowell and discover an absence of statistics on the Portuguese [...] How many Cape Verdeans and possibly also other Portuguese are listed as “Negroes”? How many Portuguese [...] are listed as Spanish-surnamed?* (ROGERS, 1974, p. 40)

No dia 28 de julho de 2009 segue convocatória oficial para cerca de 80 pessoas-chave na comunidade de língua portuguesa, incluindo dirigentes associativos e jornalistas, representantes do *Census Bureau*, os cônsules do Brasil, Portugal e Cabo Verde, para a primeira reunião a ter lugar no dia 20 de agosto, entre as três e as cinco da tarde. A agenda organiza-se ao longo de cinco pontos: missão, criação de subcomissões, alargamento da rede de participantes, lançamento oficial da campanha e financiamento. A reunião, conduzida por Paulo Pinto, realiza-se com a presença de 29 participantes, seis dos quais por telefone. Nas suas conclusões reiteram-se os dois pontos centrais da campanha, ou seja, o alargamento da contagem, garantindo a segurança de todos os indivíduos em situação ilegal, e as indicações sobre a resposta correta a dar. São criadas nove subcomissões (media, por religião, por região, para a juventude, pelos recursos, para o *outreach*) e decide-se a data do *kickoff*, na *State House*; é ainda profusamente discutido o movimento de boicote ao censo, de iniciativa de um líder de uma associação brasileira (mais tarde afastado dessa mesma organização) como contestação à situação dos imigrantes indocumentados.

Nesse mesmo dia, a reunião é notícia nos órgãos de comunicação locais. Passados cinco dias, o *pressrelease* anuncia a formação do *PSCCC2010US Census*:

*Brazilian, Cape Verdean and Portuguese community leaders across Massachusetts have united to form a Portuguese Speaking Complete Count Committee (PSCCC) for the 2010 US Census. The goal is to seek more representation and resources for their population groups and for the state as a whole. “If we do our job, we will make sure that every Portuguese speaker in Massachusetts gets counted,” said Paulo Pinto, Executive Director of the Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers (MAPS).* (DOSSIER PSCCC 2010)

O *Portuguese Speaking Complete Count Committee (PSCCC)*, composto por 40 líderes comunitários e ativistas do estado, estava constituído e a campanha lançada em três línguas – português, inglês e crioulo – até abril do ano seguinte. Os imigrantes brasileiros compunham o público-alvo desta campanha. O *kickoff*, a 5 de novembro, aconteceu na *State House* e teve como *guestspeaker* o cônsul-geral do Brasil; é produzido um pequeno livro

quadrado inspirado no universo infantil brasileiro – *Zé Brasil & Tião Mineiro*. Durante este período várias ações foram desenvolvidas, como *outreach* de porta a porta, festas, desfiles, eventos, distribuição de folhetos, cartazes, autocolantes, *crachás*, sob o lema: *nós contamos*, em português; *todo o mundo conta*; e *nostudu ta konta*, em crioulo. Estreitaram-se as relações entre dirigentes e instituições de vários tipos, tanto no nível da cidade, como exemplifica o convite ao diretor da *Maps* para integrar o Cambridge CCC, como no nível estatal.

O objetivo é provar que a comunidade de língua portuguesa é grande e importante. Em termos práticos a contagem da origem étnica (nacional) dos *Portuguese Speakers* passa por responder de uma única forma às duas perguntas respeitantes à ascendência, no curtíssimo formulário do censo: a) “não” à pergunta sobre a origem *Hispanic, Latino or Spanish*; b) escrever “outra raça”<sup>5</sup> na pergunta sobre raça, ignorando as possibilidades de *white* e *black* entre outras possíveis, e acrescentando a “origem étnica” adequada: *Brazilian, Portuguese, Cape Verdean* etc.

*We will need to educate our community to mark the box called other race and then write exactly who we are – Brazilian, Cape Verdean, and Portuguese and so on. Only then, will we have proof of how large and important our Portuguese Speaking community is. If we are successful, our community will finally get the political respect that it deserves and the services that it needs.* (DOSSIER PSCCC 2010)

A campanha liderada pela *Maps* faz jus ao próprio nome desta associação, que se rebaptizou em 1993, tendo alargado o âmbito da sua atuação aos *Portuguese Speakers*. Em Cambridge e Somerville, esta é a categoria mais inclusiva e abrangente, económica e socialmente mais rentável e adaptada aos novos tempos de imigração brasileira. O que esta campanha revela é uma espécie de casamento de conveniência entre os elevados números da imigração brasileira e a liderança de uma organização bem enraizada localmente, cuja adaptação à mudança está na base de um sucesso amplamente reconhecido, com uma composição pluriétnica e bilingue: o português, obrigatório no atendimento ao público, dá o lugar ao inglês entre os seus funcionários como língua de trabalho quotidiano.

Não podemos adivinhar qual o futuro deste projeto, nem sequer garantir o seu sucesso como elemento aglutinador de vontades individuais e coletivas, subjetivas e institucionais. A relação deste projecto com movimentos anteriores, local e institucionalmente semelhantes, ajuda-nos, no entanto, a melhor compreender o processo de construção identitária em torno da “língua portuguesa”.

<sup>5</sup> *Some other race.*

## OS PORTUGUESES DE CAMBRIDGE: UMA MINORIA ÉTNICA “ESQUECIDA”

James Ito-Adler, no seu estudo pioneiro de 1972 sobre os portugueses, chama a atenção para dois traços que caracterizam a paisagem imigratória da Nova Inglaterra, nessa época: o recente e novo crescimento dos *Spanish Speakers*; e a renovação e intensificação do fluxo imigratório português desde 1958-1960 (ITO-ADLER, 1980, p. 18; ROGERS, 1974, p. 31). No entanto, e apesar de numericamente serem um dos grupos étnicos mais significativos, “*the Portuguese have received little attention in the academic literature on immigration*” (ITO-ADLER, 1980, p. 4), sobretudo em Cambridge, onde o seu esquecimento contrasta com os compatriotas de Fall River ou New Bedford, bastante mais estudados (SMITH, 1974; LAMPHERE, 1986; SAUDADE, 1991). Isso explica, em parte, a origem do seu estudo, encomendado pelo *Cambridge Department of Community Development*, baseado num inquérito intensivo feito casa-a-casa, no verão de 1971 por uma equipa de entrevistadores bilíngues, em tempo recorde graças ao apoio da comunidade portuguesa cambridgiana,<sup>6</sup> e publicado em relatório no ano seguinte: *The Portuguese: Ethnic Minorities in Cambridge*. No verão de 1977, um recenseamento semelhante foi atualizado, estendendo-se à cidade vizinha de Somerville, para além das entrevistas, observação participante e cuidadosa pesquisa bibliográfica do seu autor (ITO-ADLER, 1980).

Efetivamente, vários autores confirmam que os portugueses constituem, nos anos 1970-1980, o maior grupo imigrante no Massachusetts e em Nova Inglaterra (ITO-ADLER, 1972, p. 1; ROGERS, 1974, p. 35; HANDLER, 1981, p. 185; HUFF, 1989, p. 9), incluindo Cambridge e Somerville. Ambas as cidades fazem parte de um *continuum* de ocupação portuguesa, como é assinalado num jornal local, *The Harvard Crimson*:

*The Portuguese community of Cambridge is something that cannot be defined in strictly geographical terms. It includes not only those Portuguese living within the city limits, but also many Portuguese immigrants now living in Somerville or Arlington.*

(LANDRY, 1974)

Cambridge desempenha um lugar central para as atividades desta *forgotten minority* (ADLER, 1972) na área de Boston. Não só o português é aqui a língua mais ouvida como a sua rua principal, “*Cambridge Street is the commercial center of the Portuguese community including many families in Somerville*” (ITO-ADLER, 1980, p. 1). É nesta rua, também, que proliferam vários clubes e associações regionalistas:

<sup>6</sup> Comunicação pessoal de Ito-Adler em julho de 2011.

*In Cambridge, MA, where 2.521 Portuguese were reported to be living in the summer of 1971, there is a club of the Fayalese (Faialense Sport Clube), another of Michaelese... (Santo Cristo Center) and yet another of the Madeireans... (Clube Recreio Madeirense). The different groups of Portuguese in the various areas of settlement have tended not to cooperate one with another over the decades, except in the Portuguese Catholic Churches. (ROGERS, 1974, p. 28)*

A heterogeneidade interna dos grupos étnicos, baseada na raça, política, tempo de imigração, ou origem regional é absolutamente normal em todos os grupos étnicos americanos (GREELEY, 1974, p. 5). Os portugueses não constituem exceção. Com efeito, Mark Handler (1981), para o caso dos açorianos, e Dreidre Machado (1981), para os cabo-verdianos, entre outros autores, chamam a atenção para o mesmo fenómeno de fragmentação regional, o que fazia com que a identificação nacional fosse um dos resultados do próprio facto migratório, não devendo, por isso, ser vista como um dado previamente adquirido. Na análise que ambos fazem dos respetivos arquipélagos, assinalam a relevância do referente territorial – sítio/aldeia, freguesia, ilha – na identificação social de base. *Cape Verdean be came the primary social identity for individuals only in the U.S. (MACHADO, 1981, p. 254)*; relativamente aos portugueses-açorianos, temos uma situação semelhante: “identidade que quase nunca é usada é a Portuguesa”, usando mais “nós, açorianos”, conta-nos Handler. É apenas nos Estados Unidos (ou Canadá) que ser português se torna uma categoria social importante: “*the category ‘Portuguese’ in New England is decided by an American category*” (HANDLER, 1981, p. 210). Português é, nestes anos, uma palavra que simultaneamente significa nacionalidade, cidadania, lugar de residência, língua, como bem resume Francis Rogers (1974, p. 28): “[...] *the word Portuguese connotes a nationality, a citizenship, a place of residence, and a language, and not a race or color*”.

Contudo, apesar desta fragmentação interna, há forças que tentam a sua união, através da tomada de consciência de uma identidade étnica americana, *Portuguese-American*, baseada no princípio agregador da nacionalidade.

A organização do primeiro *Portuguese Congress in America*, que aconteceu entre 1º e 3 de junho de 1973 em Harvard, reunindo vários líderes comunitários locais, mas também de New Jersey e da Califórnia, foi feita sob os auspícios de uma associação luso-americana, antecessora da *Maps, Cambridge Organization of Portuguese Americans (Copa)*, situada na mesma rua central, Cambridge Street. Os jornais de Cambridge e o *Boston Globe* fazem a cobertura deste congresso, que tem como objetivo não apenas falar sobre a situação dos luso-americanos na América, como também dar mais voz aos portugueses na cultura e política americana. A agenda incluía a proposta

para o reconhecimento federal do estatuto minoritário dos portugueses, no quadro do *Ethnic Heritage Program* de 1972, que definiu as várias minorias a serem protegidas legalmente – sendo uma delas a hispânica (MONIZ, 2009, p. 409). Muito embora tenha havido uma aprovação do seu estatuto minoritário, no Congresso, este acabou por ser removido da listagem, pelo não acordo de alguns proeminentes *Portuguese-Americans*, como Francis Rogers, com o argumento de que *Portuguese should not be considered a minority group because the Portuguese were not Hispanics and, unlike other minority groups, they were white* (MONIZ, 2009, 410).

Efetivamente, a decisão não era fácil, pois as vantagens políticas e económicas do *status* minoritário podiam não compensar o risco da representação discriminatória de um grupo bem estabelecido, que se considerava branco e que tinha uma longa história de mobilidade social e integração na sociedade americana, apesar de falar uma língua parecida com o espanhol e de ter um tom de pele escuro (GREELEY, 1974, p. 7).

Mas este congresso enquadra-se num movimento mais geral de incentivo à unificação sob uma bandeira étnica, valorizando a herança cultural e o reconhecimento da diversificação interna da sociedade americana, de acordo com o testemunho de F. Rogers, novamente:

[...] *Recently, however, they have manifested greater unity. In January 1974 Cambridge clubs and other Portuguese organizations in that area cooperated with the Cambridge Public Library in a program extending over three days entitled “Heritage of a City. A Bicentennial Prelude: The Portuguese Heritage in Cambridge”, all within a spirit of genuine Americanism.* (ROGERS, 1974, p. 28)

Pode afirmar-se que em Cambridge e Somerville duas associações tiveram um papel fundamental na visibilização positiva da etnicidade portuguesa, nestes anos 1970-1980 e, na década seguinte, no alargamento do significado “*Portuguese*”. É assim que a história da imigração “de língua portuguesa” para este lugar particular pode, em grande medida, ser contada através da história da própria *Maps*,<sup>7</sup> que resultou da fusão, em 1993, de duas associações luso-americanas (ou *Portuguese Americans*) criadas no início dos anos 1970 para ajudar a integração dos imigrantes oriundos diretamente de Portugal e Cabo-Verde ou vindos de outras cidades receptoras de imigração em busca de trabalho ou alojamento: a já referida *Copa* (*Cambridge Organization of Portuguese Americans*), fundada em 1970, com um escritório alugado no prédio que posteriormente adquiriu, no n.º 1.046 de Cambridge

<sup>7</sup> Está em preparação um artigo sobre a história da *Maps* em articulação com as trajetórias de alguns dos seus líderes e forças vivas, da autoria de Graça Cordeiro e Lígia Ferro.

Street; e a *Spal* (*Somerville Portuguese American League*), fundada em 1972, na Union Square, em Somerville.

“*The founding of COPA in 1970 was largely influenced by the question of ethnic identity, especially in its effect on politics*”, escrevia o jornalista Peter Landry, citando o seu director executivo:

[...] *we are trying to educate the Portuguese community in being Portuguese [...] we want to get people not to be ashamed of being Portuguese. We are trying to become united so that political gains can be made. We should get in to the American society as Portuguese.* (LANDRY, 1974)

Ambas as associações, lideradas por imigrantes portugueses ou cabo-verdianos, são um sinal dos novos tempos de “renascimento económico e social” da região de Boston (*Boston Renaissance*), sendo Cambridge um dos casos emblemáticos deste processo exemplar no panorama do desenvolvimento urbano norte-americano contemporâneo.<sup>8</sup> Não são comparáveis, portanto, na sua missão de cidadania em defesa do respeito e dos direitos dos imigrantes aos clubes e associações regionais vocacionados para atividades sociais de jogo e lazer menos comprometidas politicamente, como tão bem recorda VC em 2009, reportando-se aos anos de 1970, quando era um dos dirigentes da *Copa*:

A COPA competia com eles e com a igreja, na angariação de fundos. [...] angariar para ajudar os outros é uma coisa mais da “segunda maré” – os da primeira não viam necessidade disso, “já estavam navegados”. “A nós ninguém nos ajudou – porquê ajudar os que chegam agora?” Mentalidade assim. Uma organização de serviço social? Para quê? A mim ninguém me ajudou! O meu pai não compreendeu quando eu fui trabalhar para a COPA. Para ajudar os “greenhorn”???

(Informação verbal)<sup>9</sup>

A partir da década de 1980 a imigração portuguesa reduziu-se até quase desaparecer e deu lugar a uma cada vez mais intensa imigração brasileira. Esta mudança do perfil dos “clientes” é claramente retratada no boletim Outono/Inverno da *SPAL* de 1988, que assinala o seu 15º aniversário, a inauguração de novas instalações, no segundo piso da antiga Estação de Bombeiros da Union Square e a fundação de um novo centro comunitário.

<sup>8</sup> Sobre a grande transformação dos anos 1970 da região de Boston: “Demographically, the Greater Boston Region has moved from a white ethnocentric to a diverse multicultural community. Industrially, it has been transformed from a mill-based to a mind-based economy. And spatially, the central city has shifted in economic influence from being an all-powerful hub to being part of a true metropolitan area” (BLUESTONE; STEVENSON, 2000, p. 8).

<sup>9</sup> Entrevista concedida à autora em 23 de abril de 2009.

Há 15 anos, num dia de 1972 um grupo de imigrantes de origem Portuguesa reuniu-se numa sala dum pequeno edifício nas proximidades de Union Square, em Somerville, MA, com o objetivo de discutir e procurar formas de melhor enfrentar questões de interesse comum. Tinham como propósitos principais: promover o entendimento étnico e a igualdade de oportunidades; promover harmonia racial e a eliminação de preconceitos e discriminação, através do desenvolvimento do espírito de auto-suficiência, orgulho e coesão comunitária. Deste encontro nasceu a SPAL [...]

Entretanto, nos últimos quatro a cinco anos, algumas alterações de fundo começaram a verificar-se no seio da comunidade que a SPAL tradicionalmente serviu. Aos imigrantes dos Açores, Madeira, Portugal Continental, bem como de Cabo Verde, pioneiros na formação da comunidade de língua portuguesa, começou a juntar-se recentemente largo número de pessoas provenientes do Brasil, na sua maioria jovens, à procura de recursos que o seu país em profunda crise económica não consegue de momento oferecer. Por seu lado, as situações de guerra em Angola e Moçambique provocaram também deslocação de pequenos grupos... Quase repentinamente a face da comunidade mudou [...]

À vista destas questões e depois de as ter ponderado cuidadosamente, a SPAL concluiu que a opção mais acertada teria que ser: crescer com a comunidade e investir em conjunto com ela no futuro de todos. A comunidade de língua portuguesa pode e deve acreditar em si própria, já que é afinal de contas uma das forças minoritárias da Nova Inglaterra. Basta referir que constitui a maior minoria étnica e linguística do poderoso estado do Massachusetts. (DOSSIER PSCCC 2010)

Também o diretor executivo da *Copa*, na sua *newsletter* nº 1 “Comunidade”, (s.d.), apela ao apoio de toda a comunidade:

*We want to make the new Copa building a Community Center where Portuguese speaking individuals and families can come when they need assistance but also create a place will provide a wide range of programs and events to involve all the members of our Community.* (DOSSIER PSCCC 2010)

Enquanto a imigração portuguesa praticamente desapareceu, com números apenas residuais, a brasileira cresceu e a cabo-verdiana prosseguiu. Nesse final dos anos 1980, tanto a *Spal* como a *Copa* tinham dificuldades em sobreviver. Após dois anos de negociações, as duas acabam por se fundir em 1993, nascendo a *Maps*. A sua designação é significativa de uma nova relação com o território e com os recém-chegados “falantes de português”.

Apesar de datarem de “1960 os primeiros registos de brasileiros que emigraram para os Estados Unidos, é nos anos 1980 que esse movimento adquire carácter massivo” (MARTES; SOARES, 2006, p. 42). Dos 247.020 brasileiros que o Censo 2000 diz viverem no país, 17% vivem em Massachusetts, a seguir à Flórida, onde vivem 20%. Contudo, sabe-se que tais números estão subestimados, pois a imigração ilegal é muito forte. Este movimento imigratório tem suscitado uma bibliografia imensa, toda ela centrada no “caso brasileiro”, que é discutido em várias cidades, vertentes e dimensões. Boston é uma das cidades analisadas (MARTES; FLEISHER, 2003) e as associações que aí floresceram a partir dos anos 1990 (SALES, 2005).

A imigração brasileira intensifica-se e acompanha as dinâmicas económicas e organizacionais, demográficas, espaciais da região metropolitana de Boston. A sua ocupação dispersa-se por toda a área metropolitana, apesar de haver algumas concentrações que testemunham processos de migração em cadeia (ASSIS, 2007; MARTES; SOARES, 2006, entre outros), como é o caso de Framingham, maior *town* do estado de Massachusetts (SALES, 2005, p. 47); organizam-se numa multiplicidade de associações, empresas, biscates, circulam por pequenas e grandes distâncias com grande à-vontade e tornam-se rapidamente a face mais visível do português falado. Ocupam intensamente a zona de Cambridge/Somerville, zona “tradicionalmente” identificada como portuguesa (para além de Allston e East Boston); contudo, quase não ocupam essa outra região desindustrializada de New Bedford e Fall River, no coração do “arquipélago português”.

Coincidentemente com este intenso fluxo migratório, a *Maps* expandiu-se, abrindo novas agências em lugares em que progressivamente o português era cada vez mais falado, na sua variante do Brasil. Aos dois escritórios, de Cambridge e Somerville, que haviam correspondido à *Copa* e *Spal*, sucedem-se novos escritórios: em 1995, em Allston, bairro de Boston; dois anos mais tarde, em 1997, em Lowell, antiga cidade industrial a norte de Boston, de grande concentração açoriana; em 2001, novo escritório no bairro considerado o mais escuro e pobre da cidade de Boston, Roxbury/Dorchester, onde se situa a maior comunidade cabo-verdiana; em 2006, em Framingham, cidade brasileira... Hoje a *Maps* tem um lugar preponderante no seio de organizações do mesmo tipo. A sua expansão foi notável, afirma Teresa Sales (2005), e não se limitou aos bairros onde se falava o português, tendo chegado

ao bairro dos afro-americanos e dos latinos, e onde o português dá lugar ao crioulo e ao espanhol.<sup>10</sup>

## METAMORFOSES DE IDENTIDADE, ENTRE O LOCAL E O TRANSNACIONAL

No início do século XX os emigrantes portugueses em Nova Inglaterra já constituíam, do ponto de vista de Portugal, a segunda maior “colónia” emigrante, a seguir à que escolhia o Brasil como destino e, do ponto de vista dos Estados Unidos, uma das mais pobres e iletradas “colónias” de imigrantes provenientes dos países do Sul da Europa. Esta colónia era maioritariamente composta por açorianos, embora incluísse também “continentais, cabo-verdianos e madeirenses” (CARVALHO, 1931; BAGANHA, 1988), e concentrava-se algumas das mais importantes cidades industriais da região: New Bedford, Fall River, Boston, Cambridge, Somerville, Taunton (MA) Providence (RI).

Duas obras sobre os portugueses em Nova Inglaterra, escritas nos primeiros anos de 1920,<sup>11</sup> por um português (cônsul de Boston) e por um americano (sociólogo e professor universitário), mostram a permanência de certos atributos, recorrentes ao longo de quase 100 anos, que fazem parte indissociável da perceção e representação dos portugueses nesta região dos Estados Unidos.<sup>12</sup> Esquecimento, isolamento, iliteracia, pobreza extrema, elevados níveis de mortalidade infantil, identificação de tipos raciais diferentes conforme as regiões/ilhas de origem compõem o retrato americano que a classifica como uma *neglected nationality* (TAFT, 1969), enquanto do lado português a visão é mais positiva, valorizando as qualidades desta “colónia trabalhadora e honesta”, a sua discrição e boa reputação, os baixos índices de criminalidade, a vitalidade da imprensa em língua portuguesa, a densidade do tecido associativo (CARVALHO, 1931).

Mobilidade social e “americanização” são temas abordados por ambos que, apesar das diferentes perspetivas, partilham alguns consensos: enquanto o

<sup>10</sup> Marilyn Halter (2009, p. 551), a propósito dos cabo-verdianos, analisa as relações inter-grupo, na área de Boston. Fala do modo como estes se relacionam com outras comunidades lusófonas – portugueses, brasileiros, angolanos – e mapeia as alianças e tensões que se vão desenvolvendo em territórios particulares, como a cidade de Brockton ou o bairro de Boston, onde se concentra a maior comunidade cabo-verdiana: Dorchester. Neste contexto, surgem referências à Maps, particularmente interessantes, sobre o seu papel na organização de eventos musicais ou desportivos em que juntou grupos e equipas brasileiras – contra o que era habitual.

<sup>11</sup> Apesar de o livro de Eduardo Carvalho ter sido publicado em 1931, no Brasil, quando ele já desempenhava funções diplomáticas em Porto Alegre, baseia-se amplamente no relatório consular de 1923 e 1924 relativo à sua missão em Boston entre 1922 e 1925.

<sup>12</sup> Uma análise mais detalhada destas duas obras foi apresentada na comunicação de Graça Índias Cordeiro e Frédéric Vidal (2012).

académico americano analisa o papel que as variáveis raça, classe e nacionalidade/etnicidade têm no processo de integração e mobilidade social dos imigrantes portugueses, a partir da comparação de duas comunidades do sudeste do Massachusetts, o cônsul português, com base em um périplo através de alguns dos estados da Nova Inglaterra de maior fixação portuguesa (Massachusetts, Rhodes Island e Connecticut), demonstra que a “naturalização” americana não corresponde a um esquecimento da nação de origem. Diz ele que são os luso-americanos naturalizados e com cidadania americana que acabam por se identificar mais fortemente com a identidade portuguesa em solo americano: não só “as melhores profissões” pertencem, geralmente, aos naturalizados, como também são eles que dinamizam as “grandes manifestações patrióticas” (CARVALHO, 1931, p. 216):

A fórmula dos naturalizantes é esta: Se queres ser um bom português, faz-te americano. Fora dos Estados Unidos, talvez ninguém compreenda lá muito bem esta lógica; mas o que posso afirmar é que ela, dentro da América, produz efeitos surpreendentes. (CARVALHO, 1931, p. 221)

O que queremos aqui evidenciar é o modo como este tipo de “paradoxo étnico”, estruturante da pluralidade identitária americana, é motivo de análise e reflexão secular no que se refere à imigração portuguesa. O interesse pela herança étnica e pela língua, como bem diz Francis Rogers, (1974, p. 44), é algo que surge ou ganha força com a incorporação na sociedade americana. Contrariamente às velhas teorias assimilacionistas que anunciavam o desaparecimento da identidade originária dos imigrantes, o que parece acontecer é que o processo de cidadania americana fomenta o surgimento e a afirmação de uma ou mais ascendências étnicas.

De modo similar à identidade nacional/étnica, também a identidade de imigrante é o resultado de um processo de integração na sociedade de acolhimento. Como bem explica Ana Braga Martes (2000, p. 136) no seu estudo sobre os brasileiros nos Estados Unidos, ser imigrante, para estes, é motivo de grande ambiguidade, talvez devido à ainda recente história imigratória brasileira: “A identidade de trabalhador imigrante tende a ser fortemente rejeitada, especialmente porque os brasileiros acreditam que sua permanência nos Estados Unidos é apenas temporária.” Se compararmos com as percepções de alguns imigrantes portugueses, vemos que muitos destes, por seu lado, já não se sentem imigrantes. A variabilidade interna de grupo nacional é, obviamente, imensa, quanto à etnicidade, quanto à imigração, quanto à pertença de classe, e regista linhas fraturantes segundo as subjectividades e trajectórias diferenciadas de cada indivíduo, cada grupo informal, cada instituição...

Por esta razão nos centrámos num projeto concreto de afirmação identitária, liderado por uma associação única numa cidade particular. Muito embora as questões sobre quem fala e quem se identifica com a língua portuguesa sejam interessantes, num lugar onde os programas de *Bilingual Education* foram tão importantes,<sup>13</sup> é a construção de uma identidade *portuguese-speaker* por oposição à identidade *hispanic/latino* que interessa discutir.

É este o consenso que está na raiz do engajamento da *Maps* em reunir diferentes populações sob a bandeira da língua, de modo a constituir um grupo próprio em oposição aos latinos/hispânicos, revelando a força de uma visão estratégica de quem se encontra bem posicionada no terreno, dominando um *know-how* americano ao nível da luta e pressão política pelos recursos e, simultaneamente, um confortável conhecimento da paisagem imigratória de origem portuguesa, cabo-verdiana e brasileira. Neste sentido, ela participa ativamente na constituição de um território identitário, de conflito e de negociação em torno da definição de fronteiras simbólicas, espaciais, técnicas, administrativas e linguísticas dos *Portuguese Speakers*. Mas ela também promove o exercício da cidadania, incluindo o respeito e o acesso a serviços e bens públicos (MARTES, 2000, p. 163-164), facto que é inseparável da luta por uma identidade própria.

É certo que *Portuguese Speaker* é uma categoria que, de um ponto de vista brasileiro, ou português, pode parecer *extravagante* ou *exótica* (MARTES, 2000, p. 174), mas esta é uma categoria americana e por essa razão deve ser analisada nos termos locais em que é formulada, nas várias escalas que lhe dão sentido: da *Maps*, de Cambridge, da Grande Boston, de Massachusetts, da Nova Inglaterra, dos Estados Unidos. Explorar alguns momentos da construção histórica da identidade *Portuguese* e da história da *Maps* numa localidade particular – Cambridge – ajuda-nos a melhor perceber o jogo “da permanência e da mudança” (VELHO, 1994, p. 9) desta categoria plástica. Esta cidade atractiva e cosmopolita, tão bem caracterizada por Gilberto Velho (1994, p. 31-48), aquando da sua estada no verão de 1971 que o levou à biografia de uma jovem imigrante açoriana, parece ter sido terreno fértil para a transformação dessa categoria. A descrição de Gilberto Velho não podia vir mais a propósito:

Catarina, como suas amigas, transitava bastante por Cambridge. Sua casa ficava a uma “walkingdistance” de Harvard Square, que costumava frequentar. [...] esse local era, como ainda é, o grande foco de sociabilidade da área, multicolorido e animadíssimo. Vários grupos de jovens estavam

<sup>13</sup> Em 1973-1974, por exemplo, Cambridge administrava quatro programas em português, francês, grego e espanhol (ROGERS, 1974, p. 38-39).

sempre perambulando por ali. Foi em Harvard Square, inquestionavelmente, que observei uma das mais intensas interações entre grupos, segmentos e indivíduos diferentes, contrastantes no seu modo de apresentação, vestuário e discurso. Havia um *ethos* dominante caracterizado por uma valorização do “individualismo da diferença”, qualitativo conforme a formulação de Simmel, com um esforço deliberado na construção de um estilo original. (VELHO, 1994, p. 42)

O *ethos* desta cidade (BRETTEL, 2003), baseado num individualismo da diferença alimentado por interações intensas e diversificadas, explica, em parte, como este processo de visibilização do português tem acontecido ao longo de décadas. A fixação de uma “colônia de portugueses” desde finais do século XIX nesta cidade, entre outras (BAGANHA, 1988), a consciência de uma minoria étnica “esquecida” em meados do século XX, a luta por uma comunidade linguística partilhada no início do século XXI são, afinal, momentos de um mesmo processo identitário que só em termos locais pode ser entendido.

As cidades são realidades densas feitas de ações, de significados, de percepções e de memória. O mais interessante não é o seu tamanho ou a sua densidade populacional, mas sim o modo como intensificam e organizam as diferenças de quem as habita (TONKISS, 2005, p. 2-32). Este artigo é apenas o início de uma pesquisa interessada em perceber de que modo as identidades urbanas se constroem, através de processos, por vezes fluidos, de reestruturação urbana (ÇAGLAR; GLICK-SCHILLER, 2011) em localidades concretas, feitas de pessoas, ações e instituições. A *Maps* revelou ser uma dessas associações voluntárias que desempenham um papel central como mediadoras de importantes processos de construção identitária, catalisadora de interações particulares que revelam *points of contention and consensus* (BRETTEL, 2003, p. 178).

“*The mystery of the American Republic is not how it was able to eliminate diversity but how the republic persists despite all the diversity within it*” (GREELEY, 1974, p. 10). Hoje, diríamos que o mistério vai mais longe, pois a diversidade étnica não persiste: renasce, desenvolve-se e transforma-se, sobretudo em ambientes urbanos e cosmopolitas. Se em 1974 se podia dizer, com Francis Rogers, que “*the word Portuguese connotes a nationality, a citizenship, a place of residence, and a language...*”, hoje em dia estes quatro termos aparecem dissociados e levam-nos a repensar a ambiguidade da palavra sob novas facetas. Em aberto fica a questão de saber se Portuguese, em Massachusetts, já não significa nacionalidade ou lugar de origem, mas sim cidadania baseada na ideia de uma língua amplamente partilhada por um coletivo de grandes dimensões...

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às instituições financiadoras, FCT, FLAD e Cies-IUL, que me permitiram as idas ao terreno; sobre os assuntos tratados neste artigo sinto-me em dívida com aqueles que sempre me ajudaram nas conversas que tivemos sobre o assunto, sem qualquer responsabilidade pelas ideias aqui expressas: Gilberto Velho, Alessandra Siqueira Barreto, Tim Sieber, Isabel Fêo Rodrigues, James Ito-Adler, Paulo Pinto, Victor do Couto, Margareth Serpa e, claro, os meus colegas de equipa, Frédéric Vidal e Lúgia Ferro.

## ABSTRACT

*The recent movement in defense of the inclusion of Portuguese Speakers category in the classification of the U.S. population, in the state of Massachusetts, is related to the “ethno linguistic vitality” of the existent Brazilian variant of Portuguese, and also the centrality of a particular NPO association, Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers (MAPS) which organized, in 2009, a campaign in favor of the counting and the official recognition of Portuguese-speaking community.*

*This article focuses on the legal use and comprehensive statement of this category Portuguese language, inspired by ethno linguistic model Hispanic / Latino. It will explore two complementary aspects: on the first hand, the ambiguity of the “Portuguese” label with its national, ethnic, cultural, and linguistic meanings and, on the second hand, the way how the well-known “invisibility” and “fragmentation” of Portuguese immigration has given rise to a positive visibility in a process of unification around a language, within an urban environment as is the area of the city of Boston, and specially Cambridge.*

*Keywords: Categorization; portuguese-speaking; Boston, MA; identity as process; differentiation.*

## REFERÊNCIAS

ADLER, James P. The Portuguese: ethnic minorities. In: UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. *Cambridge*. Cambridge (MA): Cambridge Planning and Development Department, 1972. v. 1.

ASSIS, Gláucia. De Governador Valadares e Criciúma para Boston. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2007. Sección Debates. Disponible em: <<http://nuevomundo.revues.org/3754>>. Acedido en: 15 abr. 2011.

BAGANHA, M. I. B. *International labor movements: Portuguese emigration to the United States 1820-1930*. 1988. Thesis (PhD in History) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1988.

BLOEMRAAD, I. et al. Citizenship and immigration: multiculturalism, assimilation, and challenges to the nation. *Annual Review of Sociology*, v. 34, p. 153-79, 2008.

BLOEMRAAD, Irene. *Portuguese immigrants and citizenship in North America*. Lusotopie, 1999. p. 103-120.

BLUESTONE, B.; STEVENSON, M. H. *Greater Boston in transition. in the Boston renaissance: race, space, and economic change in an American metropolis*. New York: Russel Sage Foundation, 2000. p. 1-22.

BRETTELL, C. B. Bringing the city back: cities as contexts for immigrant incorporation. In: FONDER, C. (Ed.). *American arrivals: anthropology engages the new immigration*. Santa Fe: School of American Research Press, 2003. p. 163-195.

BRETTELL, C. B. Current trends and future directions in Portuguese-American Studies. In: HOLTON, K. C.; KLIMT A. (Eds.). *Community, culture and the makings of identity: Portuguese-Americans along the Eastern Seaboard*. North Dartmouth: University of Massachusetts Dartmouth, 2009. p. 557-568.

BRUBAKER, R. Ethnicity, race, and nationalism. *Annual Review of Sociology*, 35, p. 21-42, 2009.

ÇAĞLAR, A.; GLICK SCHILLER, N. Introduction: migrants and cities. In: \_\_\_\_\_. (Eds.). *Locating migration. rescaling cities and migrants*. Ithaca, London: Cornell University Press, 2011. p. 1-19.

CARVALHO, E. *Os portugueses na Nova Inglaterra*. Rio de Janeiro: A Leitura Colonial, 1931.

CORDEIRO, G. I.; VIDAL, F. Entre o gueto e a cidade: perspectivas cruzadas sobre a “colônia” portuguesa na região de Boston no início do século XX. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 7. Porto, 19-22 jun. 2012.

CENTER FOR POLICY ANALYSIS. *Portuguese-Americans in the Massachusetts power structure*. Dartmouth: Center for Policy Analysis, University of Massachusetts Dartmouth, 2005.

COWLES, M. A. et al. EU-BrazilNet: web-enabled language. *Instruction Hispania*, v. 85, n. 3, p. 629-632, Sept. 2002. Special Portuguese Issue.

DOSSIER PSCCC 2010. Arquivo da MAPS. Consulta “in locu” em jul. 2011.

GREELEY, A. Editor's introduction in Francis Rogers, *Americans of Portuguese descent: a lesson of differentiation*. *SAGE research papers in the Social Sciences*, Beverly Hills (CA): SAGE Publications, 1974. v. 2. p. 5-12.

HALTER, M. Diasporic generations: distinctions of race, nationality and identity in the Cape Verdean Community, past and present. In: HOLTON, K. C.; KLIMT A. (Eds.). *Community, culture and the makings of identity: Portuguese-Americans along the Eastern Seaboard*. North Dartmouth: University of Massachusetts Dartmouth, 2009. p. 525-553.

HANDLER, M. Azoreans in America: migration and change reconsidered. In: ROLLINS, J. H. *Minorities: the persistence of ethnicity in America* Life. Washington (DC): University Press of America, 1981. p. 177-231.

HANNERZ, U. *Cultural complexity: studies in the social organization of meaning*. New York: Columbia University Press, 1992.

HUFF, T. *Education and ethnicity in Southeastern Massachusetts: issues in planning and policymaking*. Boston (MA): New England Board of Higher Education, 1989.

ITO-ADLER, James. *The Portuguese in Cambridge and Somerville*. Cambridge (MA): Department of Planning and Development, 1980.

KERTZER, D.; AREL, D. Censuses, identity formation, and the struggle for political power. In: \_\_\_\_\_. (Eds.). *Census and identity: the politics of race, ethnicity, and language in national censuses*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-42.

LAMPHERE, L. From working daughters to working mothers: production and reproduction in an industrial community. *American Ethnologist*, v. 13, p. 118-30, 1986.

LANDRY, P. Cambridge's forgotten minority: the Portuguese Community walks a tightrope of assimilation. *The Harvard Crimson*, 22 Mar. 1974.

MACHADO, D. M. Cape Verdean Americans. In: ROLLINS, J. H. *Minorities. The persistence of ethnicity in America life*. Washington (DC): University Press of America, 1981. p. 233-256.

MARTES, A. C. B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*, São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARTES, A. C. B.; FLEISHER, S. (Org.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARTES, A. C. B.; SOARES, W. Remessas de recursos dos imigrantes. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 41-54, 2006.

MONIZ, M. The shadow minority: an ethnohistory of Portuguese and Lusophone racial and ethnic identity in New England. In: HOLTON, K. C.; KLIMT A. (Eds.). *Community, culture and the makings of identity: Portuguese-Americans along the Eastern Seaboard*. North Dartmouth: University of Massachusetts Dartmouth, 2009. p. 409-430.

ROGERS, F. Americans of Portuguese Descent: a Lesson of Differentiation. *SAGE Research Papers in the Social Sciences*, Beverly Hills (CA): SAGE Publications, v. 2, 1974.

RUBINSTEIN-AVILA, E. R. Brazilian Portuguese in Massachusetts' linguistic landscape: a prevalent yet understudied phenomenon. *Hispania*, v. 88, n. 4, p. 873-880, 2005.

SALES, T. A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA. *Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 44-54, 2005.

SAMERS, M. The socioterritoriality of cities. A framework to understanding the incorporation of migrants in urban labor markets. In: SCHILLER, N. G.; ÇAGLAR, A. (Eds.). *Locating migration. rescaling cities and migrants*. Ithaca, London: Cornell University Press, 2011. p. 42-59.

SAUDADE. Direção: Bela Feldman-Bianco. 1991. (57 min.). color. Filme etnográfico.

SCHOR, P. *Compter et classer: histoire des recensements américains*. Paris: Editions EHESS, 2009.

SMITH, M. E. Portuguese enclaves: the invisible minority. In: Fitzgerald, T. K. (Org.). *Social and cultural identity: problems of persistence and change*. Athens (GA): University of Georgia, Southern Anthropological Society Proceedings, 1974. p. 81-91.

TAFT, D. R. *Two Portuguese communities in New England*. New York: Arno Press and The New York Times, 1969.

TONKISS, F. *Space, the City, and Social Theory*. Cambridge, Malden: Polity Press, 2005.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.